

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Marlon Max dos Santos Silveira

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma análise a
partir da percepção dos professores de uma Escola Estadual em
Paranaíba – MS.**

PARANAÍBA/MS
2014

Marlon Max dos Santos Silveira

A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma análise a partir da percepção dos professores de uma Escola Estadual em Paranaíba – MS.

Monografia apresentada no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba-MS, como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação.

Orientador: Professor Me. Ailton de Souza

PARANAÍBA/MS
2014

Marlon Max dos Santos Silveira

OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma análise a partir da percepção dos professores da Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva em Paranaíba – MS.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ailton de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Elson Luiz Araujo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profª. Dra. Leni Aparecida Souto Miziara
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

S589v

Silveira, Marlon dos Santos

A violência escolar no ensino fundamental: uma análise a partir da percepção dos professores de uma Escola Estadual em Paranaíba - MS/ Marlon dos Santos Silveira. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2014.

53f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Me Ailton de Souza.

Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Violência escolar. 2. Professores. 3. Família. I. Silveira, Marlon dos Santos. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Especialização em Educação III. Título.

CDD – 371.7820

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira - CRB1º/1783

O animal satisfeito dorme.
Guimarães Rosa

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais, Jair Batista da Silveira e Aparecida dos Santos Silveira que contribuíram para me tornar quem sou; por me ensinar desde cedo a assumir a responsabilidade pelos meus atos.

Aos professores do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba-MS, no incentivo desta turma Esp. 2013/2014 para ampliarmos o nosso conhecimento na formação continuada.

Ao meu orientador e professor, Me. Ailton de Souza pela dedicação, orientação ao longo desta jornada e não mediu esforços para tornar possível a conclusão desta monografia.

A minha esposa Taísa Francis de Medeiros pela compreensão, das várias horas que abdiquei a sua companhia.

RESUMO

Este estudo analisou a percepção dos efeitos da violência escolar e algumas de suas possíveis causas, verificando a percepção dos professores na perspectiva da compreensão do fenômeno, de sua ocorrência e as formas mais comuns de manifestação no âmbito escolar. De modo geral, trata-se de um estudo qualitativo exploratório compreendendo uma revisão teórica e a análise empírica a partir da análise de dados obtidos de entrevistas realizadas com seis professores e uma coordenadora pedagógica de uma escola estadual da rede pública de ensino. Os resultados desta pesquisa enfatizam que a violência apresenta-se sob diferentes formas tanto a delitos graves como também agressões leves (físicas e verbais) e ameaças que se tornam constantes no ambiente escolar, afetando a convivência e a realização dos objetivos educacionais, os professores estão despreparados a lidar com este fenômeno agem no senso comum, a necessidade de estudos e do aprofundamento teórico, pois estes facilitarão a clareza e a percepção e assim tomar a decisão mais acertada para a resolução desses conflitos. Observamos a necessidade do envolvimento da comunidade escolar e da participação coletiva nas diversas atividades desenvolvidas pela escola, em um processo democrático nas quais todos têm o direito de expor sua opinião e ser ouvido. Destacamos também a falta de relacionamento com os alunos, notamos que não tem um relacionamento amigável entre professor e aluno falta essa afetividade essa união entre ambos.

Palavras-chave: Violência escolar. Professores. Família.

ABSTRACT

This study analyzed the perceptions of the effects of school violence and some of its possible causes, verifying the perception of teachers from the perspective of understanding the phenomenon, its occurrence and the most common manifestations in schools. Overall, this is an exploratory qualitative study comprising a theoretical review and empirical analysis based on the analysis of data obtained from interviews with six teachers and an educational coordinator for a statewide school public school system. These results emphasize that violence presents itself in different ways both felonies but also mild aggression (verbal and physical) and threats that become constants in the school environment, affecting the living and the achievement of educational goals, teachers are unprepared to deal with this phenomenon act on plain sense, the need for further theoretical studies and because they facilitate clarity and perception and thus make the decision right one for solving these conflicts. We note the need to involve the school community and coltiva participation in the various activities undertaken by the school, in a process mocrático in which everyone has the right to state your opinion and be heard. We also highlight the lack of relationship with students, we noticed that there is a friendly relationship between teacher and student that lack affection that union between them.

Keywords: School Violence. Teachers. Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA	12
1.1 Situando a violência no mundo	12
1.2 Um panorama da violência	15
1.3 A violência nas escolas	18
1.4 Panorama educacional e às mudanças globais	25
1.5 A violência nas escolas do Brasil	27
1.6 As intervenções de prevenção nas escolas	28
2 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS	32
2.1 Limite impostos na educação dos filhos	32
2.2 Comportamento agressivo entre os adolescentes	34
3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EM ESTUDO	36
3.1 Situação sócio econômica educacional da comunidade	36
3.2 Histórico da escola	36
3.3 Discussão e análise de dados	37
3.3.1 Discussão	37
3.3.2 Análise de dados	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APENDICE 1-Questionário aplicado aos professores do 6º ano da escola	52
APENDICE 2-Questionário aplicado ao coordenador do 6º ano da escola	53

INTRODUÇÃO

A violência no ambiente escolar é o foco principal deste estudo que busca compreender os efeitos da violência no dia-a-dia de uma escola de ensino fundamental. Neste contexto, buscamos conceituar a “violência” em si é uma forma de privação; Odalia (1985, p.86) “(...) Privar significa tirar, destituir, despojar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos”. Ou seja, o fenômeno da violência começa com perda de alguma coisa que fazem parte de nossas vidas de nossos direitos como cidadãos, e sua definição na sociedade atual possui uma estrutura complexa de difícil identificação assumiu várias formas de manifestações, não é mais uma questão de viver ou morrer.

Estas características e os efeitos da violência atualmente atingem em diferentes medidas a sociedade brasileira tornando-se muitas vezes um problema de difícil solução. Embora, esta problemática chama atenção e se manifeste sobre distintas formas, envolve esforços coletivos para seu controle ou solução.

No entanto, abordar as diversas formas que envolvem a questão da violência não é tarefa fácil dada à complexidade existente em torno dessa temática. Diante ao fenômeno da violência observa que as pessoas, muitas vezes, não se sentem a vontade para falar sobre este problema, seja por não terem uma real percepção de sua dimensão ou mesmo por não se sentirem seguras para lidar com esse fenômeno.

Neste sentido, tendo em vista que esta temática tem despertado nos últimos anos, certa inquietação por parte de pesquisadores assim como “Abramovay” dentre outros estudiosos na área, ainda carece de abordagens teóricas e empíricas. Isto se comprova em certo sentido pelas constantes manchetes da mídia nacional e internacional especialmente, da televisão, jornais, revistas e internet, entre outros instrumentos que enfatizam diversas situações de violência nas escolas e chamam atenção das autoridades e sociedade para esta problemática tão impactante no ambiente escolar.

A partir deste cenário, buscando colaborar para uma melhor compreensão da violência no ambiente escolar esta pesquisa objetiva investigar quais são as formas mais comuns de manifestação de violência, bem como de identificar e analisar as principais estratégias utilizadas pelos professores para minimizá-la ou controlá-la no cotidiano escolar.

Utilizamos como amostra seis professores do sexto ano de uma escola estadual localizada no município de Paranaíba – MS e uma coordenadora pedagógica. Nossa opção pela

escola e os professores desse ano em especial se deu em função dos elevados números de relatos de violência registrados no livro de ocorrência na qual pode observar enquanto professor da mesma no ano de 2013.

No entanto, para essa pequena amostra aplicou um questionário semiestruturado com oito questões gerais sobre a temática da violência gravando todas as respostas.

Assim, para dar suporte às análises deste estudo tomamos como referenciais alguns teóricos; Derbarbieux, Charlot, Ruotti, Sposito, entre outros relacionados ao tema de violência nas escolas. Acompanhamos neste trajeto algumas das principais questões trabalhadas nos últimos dez anos, tais como conflitos relacionais, discriminações, ameaças, presença de armas e vandalismos, entre outros, sempre com o intuito de entender a dinâmica da violência a partir de uma perspectiva, abarcando assim os atores que fazem parte da instituição escolar (ABRAMOVAY, 2010).

Todavia, nossa motivação inicial para realização dessa pesquisa advém da minha trajetória profissional como docente da educação básica, onde temos procurado trabalhar a visão holística de homem e de mundo em transformação, buscando resgatar a melhoria das condições e da qualidade de vida e o exercício pleno de cidadania dos alunos.

No entanto, por se tratar de um tema recorrente na prática diária dos professores e alunos, julgamos importante o estudo e a reflexão sobre o fenômeno da violência escolar, por se tratar-se de fenômenos sociais complexos, construídos e reconstruídos nas relações humanas.

Visando analisar a diversidade de posicionamentos teóricos, divergentes em alguns aspectos convergentes em outros, a presente pesquisa se divide em quatro partes na tentativa de contribuir acerca desta temática. Sendo assim o primeiro capítulo apresenta algumas reflexões teóricas produzidas sobre violência e a violência nas escolas, descrevendo o panorama histórico da violência e a compreensão do conceito de violência escolar e seus efeitos na sociedade, especialmente no âmbito escolar. Nesse sentido, este capítulo apresenta a literatura sobre este tema, propondo contribuir para esclarecimentos acerca da violência. Para tanto, entendemos ser necessário conceituar a violência sobe distinta forma segundo os autores.

No segundo capítulo fazemos uma síntese da importância da escola e da família no comportamento do aluno, que passa em média cinco horas do seu dia na escola, ela ocupa um lugar importante na vida do aluno, o convívio nem sempre é amigável, ele desenvolve comportamento muitas vezes agressivos, sendo assim, pretende-se verificar que papel a escola desempenha na vida dos alunos juntamente com sua família.

No terceiro capítulo enfatizamos o trabalho de campo e os resultados das entrevistas realizadas, bem como a caracterização da escola e a discussão dos dados obtidos a partir das

entrevistas realizadas com os professores, por meio dos resultados obtidos nesta pesquisa, espera-se entender como a escola e os professores se posicionam na questão da violência, e verificar se os mesmos estão aptos a lidar com a questão nas salas de aula. Por fim, tecemos nossas considerações finais acerca da problemática da pesquisa e concluímos que faz necessário o estudo teórico da violência escolar para que os gestores possam compreender a ocorrência destes fenômenos, e com isso interferir em busca de sua minimização. Destacamos também a falta de relacionamento com os alunos, notamos que não tem um relacionamento amigável entre professor e aluno faz necessário ampliar o diálogo na escola para propiciar a relação de sociabilidade.

CAPÍTULO I - A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Neste capítulo fazemos uma breve revisão bibliográfica sobre o tema violência o papel da violência na escola. O objetivo deste capítulo é situar o debate sobre a violência no ambiente escolar. Para tanto empreendemos uma breve revisão bibliográfica envolvendo a contribuição de diversos atores. Neste sentido, analisamos o percurso a violência das últimas décadas aos tempos atuais traçando um panorama histórico da violência e estabelecendo o conceito de violência escolar e o papel da violência na escola.

1.1 Situando a violência no mundo

Nos Estados Unidos é cada vez maior a preocupação com o aumento da violência em geral e, em especial, com aquela que envolve o ambiente escolar. Ruotti (2006) explica que as causas são as inúmeras pesquisas realizadas nas escolas americanas que apontam como resultado um aumento constante de eventos violentos envolvendo jovens. O sistema de educação norte-americano tem voltado sua atenção para o problema da violência escolar desde 1950, sendo que, em 1974, o Congresso realizou um levantamento nacional sobre a violência escolar que resultou em um relatório sobre a situação das escolas. Neste sentido, o autor informa que o relatório indicava a presença de roubos e agressões que ocorriam nas escolas, casos de alunos mais novos que eram agredidos por alunos mais velhos ou que evitavam certas áreas da escola por medo de serem atacados pelos colegas.

Segundo Flannery (2006) entre 1950 e 1975 houve uma mudança no padrão do comportamento indesejado no ambiente escolar que passou a adotar práticas cada vez mais violentas. Dos atos de violência contra a propriedade passou-se a ter a violência contra a pessoa, assim como as brigas passaram das agressões verbais para o uso de armas, com a ocorrência de alguns desfechos fatais. Em linhas gerais, identificaram-se neste cenário que os casos de violência que ocorrem nas escolas envolvem, prioritariamente, alunos mais jovens que são agredidos por alunos mais velhos, as ocorrências dependem do contexto étnico/racial e de quais os grupos minoritários nesses contextos (uma criança branca numa escola predominantemente de negros ou o contrário), e atingem tanto escolas situadas em áreas urbanas quanto as situadas nos subúrbios ou zonas rurais (FLANNERY, 2006).

A variedade de termos empregados nas pesquisas norte-americanas também é grande. Ruotti (2006) afirma que são usados termos como agressão, conflito, delinquência, conduta de

desordem, comportamento criminoso, comportamento antissocial, entre outros. No entanto, segundo (FLANNERY, 2006), é importante ressaltar que ao se trabalhar a questão da violência na escola não se pode restringir a investigação apenas aos casos mais graves, porque esses não são capazes de refletir toda a natureza e extensão da violência que ocorre na escola por não constituírem os casos mais frequentes.

Este é o caso dos ataques com arma de fogo que ocorreram nos últimos anos em algumas escolas, nos quais alunos e professores foram mortos, resultando numa sensação de pânico entre os americanos. Ruotti (2006) fala que isso deu origem a uma série de projetos de intervenção para prevenção da violência, no desenvolvimento de programas de pesquisa para identificar o fenômeno da violência na escola, além da adoção, em alguns casos, de equipamentos de segurança nos prédios escolares como identificadores de metais ou de estratégias de vigilância como câmeras e revistas feitas entre os alunos. Ruotti (2006) comenta que o Escritório de Justiça Juvenil e Prevenção da Delinquência, ligado ao Departamento de Justiça, colabora com profissionais de diversas áreas para desenvolverem políticas e práticas voltadas para o problema, além de apoiar governos no desenvolvimento de programas voltados para os jovens. Além do trabalho desenvolvido por órgãos do governo, várias universidades desenvolvem pesquisa e projetos de intervenção relacionados à violência nas escolas.

Diante da ocorrência de casos espetaculares de violência nas escolas, a segurança passou a figurar como a preocupação número um entre pais, alunos professores, diretores e políticos. Nos casos de grande violência, com desfechos fatais, pesquisas identificaram que os alunos que provocaram as agressões, geralmente, eram vítimas de assédio moral entre os colegas, sofrendo constantes piadas e gozações, recebendo apelidos e sendo discriminados pelos outros alunos. Em virtude disso, a maioria dos programas e pesquisas realizados nessa área enfatiza a questão do assédio moral, também denominado *bullying* (FLANNERY, 2006).

Já Debarbieux (2001) informa que as pesquisas de vitimização têm tomado grande importância para a abordagem do problema da violência na escola, porque permitem entender os delitos a partir do ponto de vista das vítimas e não dos agressores, ou seja, as vítimas apontam as atitudes que são geradoras de medo e insegurança na escola. Como são levantamentos em larga escala, permitem a sistematização dos dados em bancos eletrônicos que produzem material para análise do fenômeno da violência nas escolas ao longo do tempo. As primeiras pesquisas de vitimização que abordavam a intimidação por colegas permitiram perceber o quanto as experiências vividas e relatadas pelas próprias vítimas são fundamentais para a investigação dos casos de violência, além de indicar o quanto a exposição continuada a

episódios sutis, mas constantes, de violência podem afetá-las. Ademais, as pesquisas mostram que mesmo que o número de casos de violência na escola seja pequeno, há a ocorrência continuada de eventos de pequena delinquência, tais como insultos, furtos, depredações e violências leves que, nas pesquisas francesas, têm sido definidos sob o termo incivildade (DEBARBIEUX, 2001).

Da mesma forma, no caso francês, as pesquisas de vitimização, segundo Charlot (2002), indicam que são casos de ataques à pessoa, entre eles o racismo, ou aos seus bens, praticados no cotidiano que são apontados pelos alunos como problemas de violência recorrentes na escola, e não aqueles mais comumente expostos na mídia como as agressões físicas, extorsões e furtos. Dessa forma, um incidente violento muitas vezes acontece em um contexto onde a tensão é constantemente gerada por pequenos problemas cotidianos que não são resolvidos. Esse é o estopim para que pequenos conflitos desemboquem num enfrentamento grave, o que requer que pequenas fontes de tensão sejam trabalhadas para evitar o clima contínuo de ameaça (CHARLOT, 2002).

Outro aspecto da sutileza ao se tratar o fenômeno nas pesquisas francesas, segundo Charlot (2002), está na distinção entre violência, transgressão e incivildade no ambiente escolar, o que permite trabalhar os fenômenos, cada qual à sua particularidade, sem delimitá-los a uma única categoria. O primeiro diz respeito ao uso da força ou da ameaça na prática de delitos (casos de lesão, extorsão, etc); o segundo compreende os comportamentos contrários às regras estabelecidas pela escola (absenteísmo, não participação em atividades, etc.) e o terceiro engloba casos que não contrariam nem lei nem as regras internas necessariamente, mas que prejudicam a boa convivência no ambiente escolar por representarem falta de respeito aos alunos, professores e funcionários (grosserias, desordens, etc).

Isso significa que os problemas que derivam do tráfico de drogas dentro da escola devem estar sobe responsabilidade da polícia e do sistema de justiça e não de um conselho de professores, ou seja, para cada tipo de problema recorre-se a uma instância específica. Da mesma forma, casos de insulto devem ser resolvidos por meio de instâncias internas preparadas para atuar em tais situações, assim como as incivildades que devem ser prevenidas através de ações educativas. A partir da identificação das origens de cada um dos problemas que ocorrem numa determinada escola, melhor se pode focar quanto as medidas mais adequadas de prevenção.

Na prática, Ruotti (2006) diz que apesar de franceses e americanos adotarem definições diferentes, incivildade e *bullying* estão se referindo a um mesmo fenômeno. Ambas tratam da violência explícita ou implícita que ocorre na escola e que, continuamente,

impede a construção de relações de confiança e companheirismo, favorecendo o sentimento de medo e exclusão no ambiente escolar.

1.2 Um panorama da violência

A violência não é um problema novo, nem específico da contemporaneidade. A diferença histórica no trato da questão é a visibilidade dada à violência nos últimos tempos, especialmente pela imprensa. Os jornais (escritos e televisionados) expõem casos de assassinatos, assaltos, sequestros, brigas, em todas as suas edições, criando a sensação de que a violência está em todos os lugares, e é inevitável.

Ora, a televisão faz, a cada dia, a apologia do dinheiro e da violência: os assassinos são apresentados como heróis dos tempos modernos. Há um monopólio dos produtores e uma ausência de controle dos consumidores, submetidos a uma enxurrada de imagens sangrentas. O império da mídia banaliza a violência (CHESNAIS, 1999, p. 59).

Esse aumento da visibilidade da violência cria a crença de que a humanidade corre a galope para as barbáries mais sórdidas. (DORVIL, 1988). Faz com que a violência penetre na vida cotidiana de maneira alarmista, gerando sentimento de insegurança. O que faz surgir novas formas de lidar com ele: contratação de empresas privadas de segurança, aumento dos muros nas casas, instalação de aparelhos eletrônicos de segurança, entre outros.

A violência, portanto, aparece na realidade social como ameaça constante e que aumenta a cada dia. Entretanto, mesmo que a violência esteja presente no dia-a-dia e as pessoas saibam razoavelmente o que ela é ou como lidar com ela, conceituar teoricamente a violência exige certo cuidado, diante do fato de o conceito ser utilizado de maneiras diversificadas e abrangendo situações diferentes. Além disso, ela é algo dinâmico e volátil. Como qualquer fenômeno social, seus significados, representações e dimensões se modificam de acordo com as sociedades e com sua história.

O conceito de violência depende do momento histórico, da localidade e do contexto sociocultural, o que lhe atribui o dinamismo próprio da vida social. (ABRAMOVAY, 2010). Sendo assim, é preciso olhar cenários, situações e processos sociais quando o tema é a violência. Ou seja, é preciso reconhecer que só pode ser compreendida em um contexto em que alguns atos serão classificados como violências e outros, não. Mais, em determinados momentos históricos, é possível que atos antes considerados violentos passem a não sê-lo e vice-versa.

Na sociedade brasileira, nota-se que a violência está sempre no outro de baixo *status*. Os atos violentos são pensados como "próprios de monstros", de subumanidade conquistada por meio de atos socialmente desaprovados. Assim, é entendida como aquela que abre as portas de um mundo do caos. (CORSI & PEYRU, 2003). Essa perspectiva sintetiza como uma pessoa se confronta e é confrontada com interlocutores que dão peso aos atos, ao mesmo tempo em que a violência é retirada do contexto social, assim como seus executores, impedindo a compreensão do tema em sua extensão. Ainda, esta projeção do que é a violência e de quem comete atos violentos impossibilita que se a entenda como produto das interações em sociedade.

Por isto é fundamental que a violência seja pensada em sua complexidade. A amplitude do conceito teórico exige pensá-la como problema de cunho multidimensional, já que é um fenômeno que encerra muitos elementos e é condicionado por diversas características da vida social. De acordo com um estudo de Abramovay & Castro (2006), há uma leve concordância, no senso comum, sobre o que é violência: comumente é entendido que qualquer agressão física com intencionalidade de causar dor ou sofrimento ao outro é violência. (ABRAMOVAY, 2010). Assim, as violências podem ser entendidas como atos reais, que extraem sangue e gritos; seria o que causa dor.

Porém, é possível ressaltar que não só a aflição física deve ser enquadrada como violência, diante do fato de que a dor é objetiva, mas também subjetiva, além de poder ser sentida em situações em que a materialidade do corpo não é afetada. Ainda, não só compreende-se a violência como realidade factual, como ela pode surgir na vida das pessoas como uma espécie de ameaça constante. Ela permeia o cotidiano, mas nem sempre se fundamenta em atos ou crimes reais: a violência é, também, algo que paira sobre os indivíduos como uma espécie de sentimento de insegurança.

Este sentimento não se confunde com medo. O medo tem lugar no âmbito pessoal, está dentro das pessoas que se consideram possíveis vítimas de violências. O medo reflete a preocupação geral da sociedade do indivíduo. A insegurança se refere a essas opiniões coletivas, de uma sociedade, sobre inquietudes difusas no mundo, que geram adesões particulares a ideologias e políticas específicas: favorecimento da pena de morte como modo de punir crimes, ser contrário a determinados grupos sociais considerados perigosos (como negros e imigrantes) etc. O medo é gerado por um sentimento de insegurança social que se contrapõe à ideia de paz social e proteção. (MUCCHIELLI, 2002).

O conceito de violência desse modo pode ser mais limitado ou amplo. A primeira linha, da restrição do conceito de violência, defende que o único referencial empírico,

objetivo para falar do tema é circunscrever a violência ao seu núcleo duro ou à violência física mais grave, como homicídio (ou tentativa de homicídio), estupro (ou tentativa de estupro), danos físicos graves e assalto a mão armada (CHESNAIS, 1999). Nos Estados Unidos, durante a década de 90, o que era considerado violento se referia à integridade física e o perigo para a vida além de brigas, tráfico de drogas, roubos, ameaças, abuso de poder, insultos e porte de armas (ABRAMOVAY, 2010). Estas expressões físicas da violência, referentes ao que as sociedades ocidentais normalmente consideram crime, serão chamadas de "violências duras".

Definir a violência quase como uma extensão do código penal é esquecer que a própria lei é relativa, escrita de acordo com as opiniões públicas e consensos de uma sociedade em uma determinada época. Isto significa que as noções de delinquência, crime, punição e justiça são constructos sociais, significados coletivamente. Diante disso, a recusa às diversas formas de violência que extrapolem as agressões físicas graves não consegue dar ao conceito contornos mais firmes ou significados mais objetivos. (DEBARBIEUX, 2001).

A conceituação amplificada do termo visa diminuir essas imprecisões teóricas sem, no entanto, esquecer que não é possível definir violência de maneira estática e permanente.

A violência pode ser caracterizada pelo não reconhecimento do outro. A pessoa que pratica um ato violento não reconhece a vítima como um sujeito, ou como explicaria Oliveira (2002), o Outro não é reconhecido como alguém "com substância moral de pessoas dignas". A violência, nessa concepção, relaciona-se com o desaparecimento do sujeito da argumentação ou da demanda, estando preso e esmagado pela força (física ou moral) de seu oponente que lhe nega diálogo. (ZALUAR & LEAL, 2001).

A violência emudece as pessoas, quebra o discurso. Se a comunicação, o diálogo, são expressões características dos seres humanos, a violência é capaz de tirar alguns sujeitos da posição de humanidade e alocá-los na condição de objeto. Trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e liberdade como coisas: irracionais, insensíveis, mudas, passivas (ABRAMOVAY, 2010).

Além da violência física e psicológica, essa definição permite que as próprias estruturas das sociedades sejam consideradas violentas: pode-se falar que o desemprego, a miséria, a fome, a exclusão social são violências perpetradas pela sociedade contra os indivíduos que a formam. O não identificar indivíduos ou grupos sociais com a "substância moral" comentada acima atua como viabilizador da discriminação e da não consolidação de uma esfera pública caracterizada pela justiça, segurança e respeito aos direitos. (REIS, 2008).

O caráter dialógico é essencial para a relação de reconhecimento do outro e as expressões de atos ou falas violentas fazem com que essa propriedade humana não se concretize. (OLIVEIRA, 2002). Nas interações sociais, algumas pessoas desvalorizam participantes de determinados grupos sociais, desconsiderando que eles sejam seres humanos respeitáveis, merecedores de atenção e consideração. A violência pode ser traduzida em exclusão dos processos educacionais formais, da inserção no mercado de trabalho, no agravamento de doenças, em situações de agressão física, incluindo abuso sexual e em casos de insulto moral. Todos esses exemplos são indicadores de como a desconsideração à pessoa gera ou aprofunda violências. Violência e desigualdade (entre classes, raças, gêneros, gerações) estão intimamente relacionadas, pois essas assimetrias (de poder) são sinais para a criação de categorias distintivas entre aqueles considerados humanos e não humanos.

1.3 Violência nas escolas

A violência nas escolas tem sido foco de estudos nas últimas três décadas. Estes, no entanto, começam a ganhar força na década de 80 e se estabelecem como campo de investigações na década de 90. Os estudos não se concentram apenas na Europa, e crescem análises sobre o tema nos Estados Unidos e América Latina, revelando que o problema é transnacional. Desde 1988, no Brasil, há maior atenção acadêmica ao tema, diante da definição constitucional em favor das crianças e adolescentes como "prioridade absoluta" um comando legal repetido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Entretanto, embora a violência nas escolas tenha crescido como campo de interesse analítico, há observância da não priorização por parte do Estado Brasileiro em garantir os direitos sociais e civis consagrados na Constituição Federal de 1988: não ocorreram processos capazes de fortalecer um campo institucional de negociação de interesses e nem que levassem à consolidação de grupos e categorias sociais vulneráveis — como os jovens — como protagonistas políticos. (CARA & GAUTO, 2007).

Observa-se que nas décadas de 80, 90 e 2000 foram marcadas pelo aumento da violência entre e contra os jovens. De acordo com algumas pesquisas (WAISELFISZ, 2006, 2004; PACHECO, 2006), os jovens são os que mais morreram. De acordo com Pacheco (2006), tendo como referência o Brasil, entre os anos de 1980 e 2000, o número de assassinados entre os adolescentes teve um aumento de 367%. Por outro lado Waiselfisz (2006), afirma que entre 1993 e 2002, o número de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos

aumentou 88,6%. Partindo deste pressuposto observa que os jovens estão mais vulneráveis à violência, em comparação com as demais faixas etárias.

De acordo com os dados recentes de Waiselfisz (2014) aponta que os índices de mortalidade da população brasileira obteve uma queda de 631 por 100 mil habitantes, no ano de 1980, para 608, em 2012, já as taxas de homicídios juvenis de Alagoas resultam acima de cinco vezes maiores que as de Santa Catarina ou de São Paulo. O Estado de Mato Grosso do Sul encontra-se no quarto colocado, abaixo da média nacional, fato se deve a melhoria da qualidade de vida da população nos últimos anos houve avanços nos índices de desenvolvimento humano do País.

Quanto maior for o índice de vitimização, maior a concentração de homicídios na população jovem. [...] é possível verificar que em todas as regiões e UF do país verifica-se uma forte sobre vitimização juvenil. Em todas as regiões, os homicídios juvenis mais que duplicam as taxas de homicídio do resto da população. Nos estados, o panorama não é menos preocupante (WASELFISZ, 2014, p. 68).

As taxas de homicídios entre adolescentes e jovens, destaca-se também que na década de 90 foi marcada por pesquisas de opinião que destacaram o desemprego como principal preocupação dos jovens brasileiros. Na década de 2000, a falta de lugares no mercado de trabalho permanece atingindo dramaticamente os segmentos juvenis: a maior parte dos desempregados brasileiros tem entre 16 e 34 anos. (POCHMANN, 2004).

O tema da violência e, especificamente a juvenilização da violência, no Brasil, é balizado pelo processo de democratização, à medida que essa questão aparece no debate público a partir da década de rompimento com o regime autoritário militar. Dois fatores estão vinculados para a eclosão do debate primeiro demandas latentes adquiriram visibilidade no espaço político, o que permitiu maior abertura para discussões sobre temas que afetavam as populações das periferias das grandes cidades. Segundo, reconheceu-se a violência como problema nacional diante das reivindicações propostas pela sociedade civil. (SPOSITO, 2001).

De acordo com Abramovay (2010) a democratização trouxe à tona a visibilidade da violência e o aumento das demandas por segurança. É nesse contexto que as escolas tornam-se pontos de atenção analítica no que se refere às agressões cometidas e sofridas por jovens. A constante exposição na mídia de casos de violência envolvendo crianças, adolescentes e jovens dentro dos estabelecimentos escolares também foi responsável pelo aumento da atenção dada às escolas.

Ruotti (2006) revela que a violência é um problema social, que manifesta de diversas formas nas escolas, onde se encontra as diferenças de geração e conflitos, é na escola também onde entram em contatos com as diferentes culturas, etnias, religiões, etc. Para Cubas (2006) o tema violência nas escolas, é uma tarefa difícil que precisa ter conhecimento dos autores envolvidos e suas consequências, ou seja, definir o que é violência escolar não é algo simples. Neste sentido, o papel da escola de ensinar a conviver em grupo, com as diferenças e construir um ambiente harmônico solucionando os conflitos de forma pacífica.

A partir de uma revisão da bibliografia, nacional e internacional, que abordam o fenômeno da violência nas escolas, Abramovay (2010) descreveu as formas adotadas por diversos autores. Identificou que na literatura contemporânea os especialistas têm privilegiado a análise da violência entre alunos ou a violência desses para com a escola e, em menores proporções, a violência que ocorre entre alunos e professores. Também identificou que é frequente o esforço dos pesquisadores em tentar encontrar uma definição, o mais abrangente possível, para os diferentes tipos de violência que ocorrem nas escolas.

Contudo, independentemente das definições e abordagens adotadas, os autores alertam que a constante presença da violência no ambiente escolar coloca em xeque a função primordial da escola. Assim, de instituição encarregada de socializar as novas gerações, a escola passa a ser vista como o ambiente que concentra conflitos e práticas de violência, situação essa que "passa pela reconstrução da complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola" (SANTOS, 2001, p. 118). Estaríamos vivendo um período de crise da educação, ou seja, o papel da escola já não está tão claro e não há mais sentido para os alunos frequentarem um espaço, percebido, muitas vezes, como desagradável e excludente. O que antigamente era visto como o trampolim para uma vida melhor, aumentando as oportunidades de trabalho e de qualidade de vida, perdeu-se no tempo e, hoje, os jovens vivem a desesperança em relação ao futuro e nesse contexto é que emerge a violência na escola.

Debarbieux (2002) indica que há outros aspectos que causam inquietação na definição do objeto "violência nas escolas". Entre eles está a dificuldade em delimitar, cientificamente, o objeto a ser estudado. Quando se faz uso de um termo tão amplo como "violência", que abrange desde agressões graves até as pequenas incivildades que acontecem na escola, o problema tornar-se complexo devido aos inúmeros tipos de situações envolvidas ou pode, simplesmente, passar a criminalizar e estigmatizar padrões de comportamento comuns no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, ao adotar uma definição excessivamente limitada, pode-se acabar excluindo a experiência de algumas vítimas no processo de reflexão sobre o problema, o

que, para o autor, deve ser evitado, pois "a voz das vítimas deve ser levada em consideração na definição de violência, que diz respeito tanto a incidentes múltiplos e causadores de *stress*, que escapam à punição, quanto a agressão brutal e caótica" (DEBARBIEUX, 2002, p. 61).

Porém, é difícil a conceituação do termo violência, são várias as definições, desse modo observa-se na literatura que o tema violência é muito amplo e relevante sendo que os conceitos chegam a ser consensual entre os pesquisadores veja isso nas palavras de Debarbieux:

[...] é um erro fundamental, idealista e histórico crer que definir a violência, ou qualquer outro termo, por sinal, seja uma questão de se aproximar o máximo possível de um conceito absoluto de violência, de uma ideia de violência que faz com que a palavra e a coisa estejam para sempre adequadas. Não se trata sequer de dizer que as palavras evoluem juntamente com um contexto externo, que faria com que uma definição original evoluísse que apenas a ilusão de uma permanência etimológica pode ser encontrada. O contexto não é exterior ao texto, como demonstrou a psicologia histórica [...] o contexto é homólogo ao próprio texto a que ele se refere é um universo mental no qual as palavras são uma ferramenta verbal, uma categoria de pensamento, um sistema de representação, uma forma de sensibilidade: as palavras criam o contexto tanto quanto são criadas por ele (DEBARBIEUX, 2002, p.64).

Ainda segundo Debarbieux (2002, p.65) “não pode haver um conhecimento total acerca da violência nas escolas porque ela só pode ser representada de formas parciais, e devemos ou aceitá-las como tal ou nos permitir cair na fantasia da onisciência, que é tudo menos ciência”. O autor refere-se ao conhecimento adquirido aos pesquisadores ao longo das pesquisas sobre violência escolar não é um conhecimento estanque, pois os resultados de suas pesquisas vão buscando fontes inovadoras e construindo um conhecimento temporário de seus pontos de vista, ou seja, estar sempre renovando através de dados de pesquisas as novas realidades desse mundo contemporâneo.

Embora, a forma mais evidente de violência seja a física, existem várias outras formas que um indivíduo pode praticá-la que muitas vezes, não deixa marca na vítima. Segundo Abramovay (2009) as ações e tensões violentas podem ser classificadas em três tipos: violência dura, micro violências ou incivildades e violência simbólica, até a violência dura segundo a autora, se refere aos atos praticados aos indivíduos que causa danos irreparáveis para a vítima, nesse caso exige a intervenção das forças policiais, e referem-se aos roubos, ameaças, etc.

Abramovay (2009) destaca que as microviolências ou incivildades são aqueles atos que não contradizem nem a lei, nem os regimentos dos estabelecimentos, mas as regras da boa

convivência (desordens, grosserias). As microviolências podem ser classificadas de acordo com Ruotti (2006) como tipos de violências que passam despercebidos aos olhos das pessoas.

Praticar incivildades na vida dos seres humanos virou hábito à maioria dos cidadãos que frequentam ambientes públicos ou privados anda pelas ruas e calçadas de uma determinada cidade, provavelmente já cometeram esse tipo de violência, desprovido da educação e bom senso com os demais cidadãos, ou seja, são comportamentos que forje de um determinado padrão imposto pela sociedade tais como fumar em locais proibidos, furar filas, grudar chicletes embaixo das carteiras, ouvirem músicas em alto volume desrespeitar a legislação de trânsito dentre outras atitudes. De fato, são insignificantes, mas, que se feitas em larga escala ira causar um grande problemas para a sociedade.

Já no que se refere a violência simbólica Abramovay (2009) explica que ela se manifesta de várias formas, através de uma pregação religiosa onde os fieis tem que seguir certos dogmas, caso contrário será pecador, já no sistema escolar, onde os professores impõem certas normas e valores a ser seguida, uma doutrina de dominação que faz os alunos seguir um modelo proposto pelo educador, propondo estratégias punitivas para aqueles alunos que não se enquadram nos moldes sociais da instituição escolar.

Ruotti (2006) afirma que a violência simbólica é imposta por uma relação de poder de um grupo dominante pela comunicação que sempre foi marcada com uma relação de ameaça, que operam por meio de sistema simbólicos, cumprindo a função de imposição da dominação, de acordo com os interesses das elites que coordena e controlam um sistema que mantém as relações assimétricas de poder e domínio. Manipulando um conjunto da sociedade a um único grupo, impedindo o acesso das pessoas que não possuem o necessário capital cultural de um sistema capitalista. É um tipo de violência que causa constrangimento mesmo que a vítima não a perceba, ache natural tal discurso imposto.

Ruotti (2006) afirma, no entanto enfatiza, que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural. Num primeiro momento o autor refere-se a esse poder de autoridade, que na verdade é uma violência simbólica, pois a mesma é exercida por um grupo dominante e imposta pela ação pedagógica, dentro da unidade escolar através da educação. Mesmo que essa violência não seja percebida caracteriza-se como uma dupla violência, pois impõem e delimita significações e regras a um determinado grupo. O professor ao entrar na sala de aula acaba colaborando na efetivação dessa violência, passando despercebida na vida rotineira, ela acontece na imposição de conteúdo, regras dentro da sala de aula, crenças, valores etc.

Ruotti (2006) afirma que a violência simbólica não deixa marcas físicas no indivíduo são agressões psicológicas e humilhações que de certa forma camufla o ato violento. A violência em si é uma forma de privação; Ruotti (2006) “[...] privar significa tirar, destituir, despojar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos”. Ou seja, o fenômeno da violência começa com perda de alguma coisa que fazem parte de nossas vidas de nossos direitos como cidadãos, e sua definição na sociedade atual possui uma estrutura complexa de difícil identificação assumiu várias formas de manifestações, não é mais uma questão de viver ou morrer. Há explicação e classificação para este fenômeno é uma tarefa muito árdua porque envolve aspectos heterogêneos e múltiplos contextos como ainda afirma Ruotti (2006) o ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação.

Ainda na visão de Ruotti (2006), a violência em nossa sociedade não é algo novo, acontece somente nas últimas décadas, tem sua presença marcante ao longo do tempo. Vivemos situações conflituosas desde que o mundo é mundo, não há como negar sua existência seus efeitos no decorrer da história da humanidade. A própria Bíblia nos dá uma tipologia completa da violência, à expulsão de Adão e Eva do paraíso, mostra uma punição, que o homem sofreu ao cometer um ato de desobediência, comeu uma fruta que era proibida. Percebe que a violência acompanha a história do homem no planeta seja este presente no dia-a-dia das pessoas nas diferentes classes sociais, etnia, idade, cor, orientação sexual, etc.

A violência está presente nos diversos espaços seja nas favelas cortiços e grandes centros urbanos onde encontram pessoas com um alto poder aquisitivo na riqueza ou pobreza a violência precisa ser entendida como um produto social e histórico, produzida pelas relações humanas é um produto de modelos de desenvolvimento que tem suas raízes na história. Nota-se também que as construções e arquiteturas atuais estão mais preocupadas com a segurança, muros altos e intimidantes, lembram os antigos asilos de loucos, essas novas arquiteturas não é mais vista como lugar de repouso e tranquilidade esta mais para um lugar de refúgio contra vida exterior.

Vivemos em uma sociedade individualista, onde não há uma convivência coletiva na questão de resgatar os valores de cidadania, valorizando o trabalho em equipe. Observamos cada vez mais rara a relação de afetividade e a preocupação com o semelhante. Percebe-se que essas relações têm sido alteradas ao longo do tempo em função do medo, desconfiança das pessoas que nos cercam.

Segundo Ruotti (2006) não há soluções simples para a resolução ou minimização desses conflitos, pois ainda são pouco conhecidas e abrange um vasto complexo de causa.

Exige um conhecimento sistemático sobre as características das relações sociais, econômicas, idade, sexo todos esses fatores tem que ser levados em conta para ter um maior entendimento sobre o que caracterizava a violência escolar que tem maior índice em um determinado estabelecimento escolar conforme as palavras de Abramovay:

O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos...), da idade e do sexo; sendo, portanto, uma conceitualização 'ad hoc' mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam (ABRAMOVAY, 2004, p.69).

Neste sentido, a violência é um sinalizador de como esta estruturada nossa sociedade e sofre alterações ao longo do tempo, ou seja, modifica frente aos contextos socioeconômicos. Por isso quando necessitamos classificá-la temos que levar em consideração sua amplitude dos conceitos teóricos e refletir como um problema com vários vieses da vida social. Sendo assim só é compreendida quando alguns atos são identificados como violência e outros não, mas em alguns momentos históricos ato que antes era considerado violento passa a não ser e vice-versa (ABRAMOVAY, 2004).

No entanto, nem sempre a violência se caracteriza em crimes e delitos, ela permeia em nossa volta de forma imperceptível aos nossos olhos possui raízes profundas que vão além das aparências daquilo que é palpável e visível aos nossos olhos. Conforme Abramovay:

[...] nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e neste momento é quando nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres, práticas culturais, ou seja, nos disciplinando por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções, e não se dá somente em atos e práticas materiais (ABRAMOVAY, 2004, p.54).

Para Minayo e Sousa (1999, p.10) fica claro que em sua natureza histórica é muito difícil conceituar a violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma forma própria de relação pessoal, política, social e cultural; por vezes, uma resultante das interações sociais; por vezes, um componente cultural naturalizado. Assim o autor deixa claro que é um fenômeno complexo, difícil de conceituar pois se encontra no meio da sociedade, causando danos físicos, morais, emocionais. Diríamos que a violência é uma questão que, diariamente, tem estruturado nas relações sociais em decorrência da socialização do ser humano.

Segundo Ruotti (2006) a presença de conflito parece ser constante em qualquer sociedade devido às quantidades de acontecimento que são noticiadas nos meios de comunicação causando um clima de intranquilidade insegurança em todas as esferas sociais dando a impressão que este fenômeno nos persegue privando o bem estar da população.

Além disso, Charlot (2002) aborda a dificuldade em trabalhar com o tema da violência nas escolas. O pesquisador afirma que, do ponto de vista histórico, o problema da violência escolar não é recente, mas o que pode ser considerado novo são as formas pelas quais essa violência se manifesta divididas pelo autor em quatro aspectos: o surgimento de formas de violência mais grave, apesar de bastante raras; a idade cada vez menor dos alunos envolvidos nos casos de violência que, nesse caso, entra em conflito com o ideal de infância como o período de inocência; a ação de agentes externos que ocupam o espaço da escola com agressões geradas fora dela; a repetição e o acúmulo de pequenos casos que não são necessariamente violentos, mas que criam a sensação de ameaça permanente. Charlot (2002) enfatiza esse último aspecto como aquele que mais tem despertado preocupação na atualidade, pois tais situações colaboram para o sentimento de angústia que atinge boa parte da comunidade escolar, que passa a ficar em constante estado de alerta à menor presença de sinais que representem perigo físico ou ameaça psíquica (CHARLOT, 2002).

Apesar dos esforços em trabalhar esses conceitos, a tentativa de delimitar fronteiras às ações violentas que ocorrem no ambiente escolar não deve encobrir as especificidades do fenômeno, isso porque a violência não tem um significado único, mas varia de acordo com o contexto em que ocorre e conforme os atores envolvidos.

1.4 Panorama educacional e às mudanças globais

Zagury (2008) aponta que, as escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. Ana Beatriz Barbosa Silva, transcreve:

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e familiar (SILVA, 2010, p. 63).

Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.

O mercado de trabalho encontra-se em constante transformação, e as atividades reservadas à juventude necessitam, cada vez mais, de uma orientação escolar adequada. Conforme Damásio (2000), o ensino deverá estar voltado para uma formação permanente, que

visão não somente preparar nossos jovens para uma vida laboral produtiva, como também garantir atualizações contínuas, no que concerne ao desenvolvimento tecnológico de suas áreas de atuação.

No que tange à vida profissional, Calhuau (2009), assegura, que os jovens deverão estar preparados para se defrontar com realidades muito difíceis em curtos e médios prazos: a diminuição progressiva e significativa dos postos fixos de trabalho; a diminuição da aposentadoria paga pelo Estado; novas formas de contrato, como empregos por tempo determinado, temporários ou por tarefas preestabelecidas. De forma geral, os jovens estão colocando em xeque o papel educacional da sociedade, da família e da escola.

No que tange às relações interpessoais, a juventude de hoje apresenta aspectos que devem ser observados com mais atenção (PINKER, 2004). Os amigos ou o grupo de amigos possuem um poder de influência sobre cada jovem significativamente superior àquele que pautava as relações entre eles nas gerações precedentes. Isso representa um grande desafio para os adultos envolvidos no processo de educação desses jovens.

Pinker (2004) assegura que educadores formais e familiares precisam estar aptos para entender as motivações que levam à formação desses grupos de amigos, bem como os caminhos pelos quais eles exercem influências tão poderosas na mente e no comportamento dos adolescentes.

Individualmente falando, os jovens refletem no dia a dia a cultura na qual estão inseridos. Eles exprimem um comportamento repleto de elementos infantis, egocêntricos e transgressivos, marcado por uma busca contínua e desenfreada de compensações e gratificações imediatas.

Nesse cenário cultural, encontram-se também muitos jovens com uma adolescência estendida ou dilatada no tempo, que inclui indivíduos entre 15 e 30 anos que não conseguiram apresentar um comportamento e uma mentalidade compatíveis com sua fase evolutiva. São "adultos" infantilizados que apresentam ações e reações carregadas de aspectos hedonistas (de prazer individual e imediato) e narcisistas, que se contrapõem de forma explícita a um universo adulto, no qual obrigações, deveres e responsabilidades devem estar em harmonia com os direitos individuais e coletivos (JOHNSON, 2008, p. 165).

Pais e professores não podem esquecer que, no grupo de colegas e amigos de seus filhos e alunos, existem fortes "rivais" que podem influenciar, de forma positiva ou negativa, toda a sua estrutura emocional. Por essa razão, é preciso ter flexibilidade e humildade para aprender o "funcionamento" desses grupos de indivíduos: como pensam que linguagens utilizam que roupas vestem que músicas ouvem e que ideologias fazem suas cabeças. Somente assim poderemos interferir, objetivamente, nessa engrenagem tão sólida e influente que rege o comportamento de muitos adolescentes.

Fante (2005), destaca que existem outros "rivais" que disputam com pais e professores a ascendência educativa sobre esses jovens. Entre eles podemos citar a cultura televisiva; o universo da propaganda, da internet, da música, do consumo, das drogas; e tudo o mais que expressa a cultura jovem. Os adultos, precisamos entender e aceitar que todos esses intrincados processos influenciam diretamente o comportamento da juventude e provocam a maioria dos conflitos entre as diferentes gerações.

1.5 A violência nas escolas no Brasil

Sposito (2001) realizou um balanço sobre as pesquisas feitas no Brasil, após 1980, que tiveram como tema as relações entre violência e escola. O levantamento das pesquisas permitiu dividi-las em dois grupos distintos: um grupo de pesquisas realizadas majoritariamente por órgãos públicos da área da educação, associações de classe e institutos privados de pesquisa, que resultam em diagnósticos locais ou gerais, apresentando informações relevantes sobre o fenômeno, apesar de não permitirem extrair um quadro preciso da situação da violência nas escolas.

Observa essa autora que tais pesquisas não apresentam um quadro teórico interpretativo da violência na escola, mas apresentam indícios que servem como base para pensar o fenômeno. O outro grupo inclui estudos de pós-graduação e de equipes de pesquisadores vinculados às universidades.

Segundo a autora, no início da década de 1980 é que o tema da violência nas escolas entra em debate público no Brasil. Num momento de grande demanda por segurança, por parte dos moradores das periferias das grandes cidades, o fenômeno da violência nas escolas passa a ter visibilidade em grande parte, a partir de denúncias feitas sobre as condições precárias dos estabelecimentos escolares nessas regiões. Esse período é marcado pela percepção da violência a partir das depredações das instalações e da invasão do espaço escolar por pessoas sem vínculo com a instituição. Predominava, nessa fase, a ideia de que a escola precisava ser protegida de elementos estranhos, daí a adoção de esquemas de proteção ao patrimônio, como o reforço do policiamento, implementação do serviço de zeladoria e incrementos na estrutura física, como muros e grades.

Em relação às pesquisas realizadas nessa época, Ruotti (2006) observa que ocorre um maior interesse em registrar as ocorrências de violência nas escolas para a compreensão do fenômeno. No entanto, devido à não sistematização dos dados ou da recusa de algumas

escolas em fornecer informações que dariam a elas uma imagem negativa, trata-se de um material informativo bastante irregular e precário.

Ruotti (2006) explica que entre os anos 80 e início dos anos 90, em virtude da intensificação do crime organizado e do tráfico de drogas, há um recrudescimento do sentimento de insegurança na população em geral e, paralelamente a isso, a imprensa passa a dar destaque aos casos graves de violência que envolvia a escola, como, por exemplo, os casos de homicídio. Por consequência, o final dos anos 90 é marcado pelas iniciativas públicas, algumas em parceria com ONGs e sociedade civil, que visavam a redução da violência. A partir delas buscou-se desenvolver novas concepções sobre segurança, com ênfase no debate sobre a democratização dos estabelecimentos escolares (SPOSITO, 2001). Ao longo da década de 90, ONGs, entidades de profissionais da educação (sindicatos e associações) e também órgãos públicos realizaram diagnósticos e pesquisas descritivas sobre as escolas.

Sposito (2001) destaca que as práticas de vandalismo continuam a ocorrer, no entanto passam a ser registradas também agressões interpessoais entre alunos, entre as quais as agressões verbais. As ameaças aparecem mais frequentemente, inclusive em cidades de porte médio e não apenas nos grandes centros urbanos. Nesse mesmo período, ainda que de forma modesta, são iniciadas pesquisas de vitimização no ambiente escolar. As pesquisas desenvolvidas pelas universidades, nesse período, também contribuem para a compreensão do fenômeno e algumas delas apontam a influência exercida pelo aumento da criminalidade e da insegurança na deterioração do clima escolar (SPOSITO, 2001).

1.6 As intervenções de prevenção nas escolas

O papel que a escola desempenha na vida de crianças e jovens passaram por diversas transformações nos últimos cinquenta anos. Segundo Ruotti (2006) a escola se transformou em um dos mais importantes agentes do processo de socialização de crianças e adolescentes. Isso ocorre, em larga medida, às mudanças que ocorreram na composição das famílias e à entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e a alterações no papel que a religião desempenha na vida das famílias.

As famílias passaram por mudanças, cresceram as uniões instáveis, o índice de pais separados é outro ponto de mudança. Mudaram o mercado de trabalho, com reflexos sobre a inserção dos pais no mercado de trabalho, o tipo de contrato de trabalho, os benefícios e a segurança de rendimento. Nota-se nas famílias uma diminuição do tempo para os pais estarem com os filhos. De acordo com

Abramovay (2010) o modelo ideal de família antes era constituído por pai e mãe hoje existem vários tipos de estrutura familiar tais como pais separados, família comandada pelas mulheres, a homossexualidade dentre outras infinidades de composições com especificidades culturais e padrões de relacionamento diferenciados.

A família transmite à criança os primeiros aprendizados dos hábitos e costumes da cultura o exercício dos direitos da criança e do adolescente começa a ser concretizados, pois, conforme artigo 4º Lei 8916 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, também é dever da família garantir a efetivação dos direitos da criança referentes à vida, à saúde e à educação.

Quanto a Educação, veja alguns direitos contidos no ECA:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Analisando alguns direitos contidos no ECA relacionado a educação, observa-se no art 54, a criança e o adolescente estão assegurados pela lei com acesso elevado ao ensino (da pesquisa e criação artística), bem como, atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, mas a realidade é bem diferente e mais complexa, os profissionais que atuam diretamente e indiretamente, como professores, pedagogos, gestores, não recebem treinamento adequado, falta capacitação e remuneração, a escola que deveria ser um lugar seguro onde busca-se o aprendizado, muitas vezes se torna um lugar onde a agressivo, falta preparação por parte dos educadores para lidar com as adversidades dos alunos, cada um vem de uma realidade diferente, muitos passam fome, presenciam violência em casa, quando esses alunos chegam na escola liberam toda agressividade presenciada e sentida nos seus lares, esses alunos são arredios, e muitas vezes se tornam violentos, sendo assim percebe-se a

dificuldade dos educadores de realmente garantir a permanência do aluno na escola e sua progressão no processo ensino aprendizagem oferecendo-lhe uma educação de qualidade, preparando o indivíduo intelectualmente e socialmente para o mundo contemporâneo.

Estudos realizados em diferentes países reiteram que supervisão por adultos responsáveis é um dos elementos críticos para a proteção de crianças e jovens contra o envolvimento em situações de risco, tais como o consumo de drogas, o envolvimento com delinquência e violência. Se ambos os pais trabalham fora de casa, há pouca alternativa de supervisão, por adultos, para essas crianças e jovens, fora aquela provida, ao menos em tese, pela escola. Para se ter uma ideia do que significa isso em termos de números, só nos Estados Unidos estima-se que 7,5 milhões de crianças entre 5 e 14 anos ficam sozinhas, sem supervisão de adultos, após a escola. Em 69% dos lares com crianças entre 6 e 17 anos, os dois pais trabalham fora de casa, as crianças ficam sozinhas em casa ao menos 25 horas por semana (RUOUTTI, 2006, p. 14).

Ao analisar as intervenções de prevenção nas escolas, Caren Ruoutti, tem uma visão bastante clara:

As intervenções de prevenção nas escolas abrangem uma diversidade de tratamentos, de públicos-alvo, e têm como objetivo prevenir diferentes tipos de comportamento problema. Há intervenções que têm como alvo apenas os alunos, outras têm os alunos e seus professores e outras ainda buscam mudar o ambiente da escola, com intervenções até no espaço físico dessa. Há intervenções que buscam informar os jovens sobre os riscos de alguns comportamentos, outras visam mudar valores e atitudes, outras ainda são programas de aprendizagem social e emocional, e outras buscam mudar o comportamento dos jovens, dando-lhes novas alternativas para administrarem situações de risco (RUOUTTI, 2006, p. 17).

Diante do que foi colocado acima, é oportuno destacar que as escolas estão procurando ensinar às crianças como interagirem com seus colegas de modo respeitoso e saudável, como contribuir para a comunidade, família e seus colegas, ou seja, a terem algumas competências sociais. Esse tipo de intervenção busca reforçar os pontos fortes das crianças e jovens e do meio ambiente que os circunda.

Atualmente há também forte chamado aos pesquisadores e aos grupos que planejam e implementam programas de prevenção em escolas, para estarem atentos para a necessidade de programas de prevenção adequados a cada fase de desenvolvimento das crianças e jovens, às diferenças de cultura e de raça, etnia e às diferenças nos padrões de agressividade entre meninos e meninas (ABER, 2003). Para Ruoutti (2006) agressão e violência estão associadas a padrões de processamento de informações, a crenças sobre agressão, a relacionamento com pares desviantes, e a fracasso escolar, todos os fatores que não propiciam um desenvolvimento saudável. A maioria das intervenções de prevenção/promoção do

desenvolvimento em escolas que apresentam evidência científica busca melhorar de algum modo a competência social das crianças e dos jovens como forma de reduzir risco.

Além disso, outra contribuição da abordagem da promoção do desenvolvimento tem sido a de dar visibilidade a um aspecto que até há pouco era negligenciado: o do clima, da atmosfera que prevalece nas escolas e que pode contribuir consideravelmente para a continuidade de episódios de agressão e de violência entre os alunos. Esse clima inclui o contexto físico e social da escola. Prevalece em muitas escolas um clima de competição entre os alunos, que pode ser pouco favorável para o exercício de práticas não agressivas de negociações de conflitos que se pretende implantar a partir de programas de prevenção da violência.

A nova tendência nos programas de prevenção em escolas é de implementar programas universais, que incorporem também um componente de mudança no ambiente da escola para se alterar o conjunto. Essa abordagem recupera a tradição da psicologia ambiental (Barker e Wright, 1955) de "behavior setting", segundo a qual há contextos físicos que propiciam o exercício de certos tipos de comportamento, assunto esse que será tratado no capítulo seguinte trata dos comportamentos e da violência ocorridas nas escolas.

CAPÍTULO II- O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NO COMPORTAMENTO DOS ALUNOS

2.1 Limite impostos na educação dos filhos

Para Silva (2004), o ideal da educação era colocar em primeiro plano as necessidades da criança e do adolescente, como uma forma de resposta adequada a toda rigidez, conformismo e autoritarismo que, em tempos passados, regulavam as relações educacionais entre pais e filhos. A exasperação e a propagação dessas ideias produziram uma inversão radical e abrupta nas dinâmicas educacionais da época.

As consequências dos exageros cometidos pelos pais podem ser vistas nos dias atuais, Gottman (2001), observa que uma grande parcela de pais age de forma excessivamente tolerante com seus filhos. São os pais do "deixa pra lá" ou que costumam passar a mão na cabeça de seus rebentos, diante de comportamentos francamente transgressores. Tais pais costumam fingir que nada ocorreu, adotam uma postura de falso entendimento ou, pior que isso censura os filhos de maneira tão débil que suas reprimendas e orientações quase não são obedecidas e executadas.

Os pais, em sua grande maioria, agem desta forma sob a alegação de que não querem ferir a sensibilidade dos filhos ou para evitar desavenças familiares. Outros, ainda, assim o fazem como forma de compensar o período que estão distantes dos filhos por motivos profissionais. Por essa razão, passam a ser permissivos em excesso e as crianças ou adolescentes "pintam e bordam" sobre suas cabeças. Gottman (2001), sublinha que, o resultado dessa matemática (mais emocional do que racional) é que, desde muito cedo, as crianças se habitam a fazer tudo o que querem e impõem-se, de forma autoritária e tirana, perante os pais sobrecarregados e exaustos. Em função do sentimento de culpa que carregam por não acompanharem a vida dos filhos como deveriam, os pais cedem praticamente a todas as vontades deles e toleram quase tudo, inclusive posturas intoleráveis.

Cria-se, assim, um ambiente familiar aparentemente harmônico, no qual a função mais importante para os pais é ser um ponto de referência material e financeiro capaz de simular uma afetividade difícil de ser exercida. Constrói-se, dessa maneira, um cenário doméstico de falsa tranquilidade e segurança.

Na maioria das vezes, os pais não questionam suas próprias condutas, deixando de atribuir a devida importância que suas ações possuem no trato com os filhos. Assim,

desqualificam totalmente o valor educativo com suas posturas. Eles se esquecem de que um embate crítico, um confronto respeitoso, um chamado às regras, pode ser um dos maiores atos de amor oferecidos a um filho. Quem ama não mata, não bate, não desrespeita, mas certamente educa e luta para melhorar o ser amado.

É justamente a omissão educacional dos pais em situações chave que produz os conflitos familiares. Isso é facilmente observável em circunstâncias que envolvem comportamentos transgressores, o desrespeito às regras e aos limites estabelecidos. A indiferença dos pais equivale a uma renúncia oficial e perigosa ao papel essencial que eles deveriam exercer: o de educar seus filhos.

Para Ruotti (2006), educar é confrontar os filhos com as regras e os limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano.

Tabachi (2006) assevera que, quando os pais não conseguem delimitar de forma clara as fronteiras entre o que se pode e o que não se pode fazer, eles se tornam incapazes de exercer uma ação educativa eficaz. Os pais podem até, de forma momentânea, obter um clima doméstico mais calmo e livre de conflitos diários. No entanto, isso impede o amadurecimento de seus filhos dentro dos processos evolutivos inerentes ao ser humano, o que desfavorece laços relacionais estruturados no verdadeiro diálogo, na responsabilização e na futura independência afetiva e financeira da família.

As consequências dessa renúncia dos pais aos seus papéis de educadores são, no mínimo, desastrosas, para não dizer explosivas. Resultam em filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites, totalmente despreparados para enfrentar os desafios e obstáculos inerentes à própria vida. Sem contar com o pior: filhos viciados em substâncias químicas ou em comportamentos que lhes garantam prazer imediato e inconsequente.

Esses jovens habitam-se, desde muito cedo, a ser o centro das atenções em suas casas, onde as regras foram inexistentes, ignoradas ou flexibilizadas em excesso. De forma quase natural, eles se comportam em sociedade de acordo com esse modelo doméstico. Muitos deles não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade delas no convívio coletivo e sequer se preocupam com as consequências que seus atos transgressores.

2.2 Comportamento agressivo entre os adolescentes

O aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é um dos fenômenos que mais preocupam e angustiam os pais e todos que, de forma direta ou indireta, lidam ou se ocupam com os jovens.

Goleman (2006), explica que, a agressividade entre eles pode se manifestar das mais diversas formas, desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e as arbitrariedades dos "mais fortes" em relação aos mais frágeis, através de intimidações psicológicas e físicas, humilhações públicas, comentários maldosos, difamações, intrigas e até as mais variadas formas de violência propriamente dita.

Todas essas modalidades de agressão podem ser percebidas desde a escola fundamental, em comportamentos que demonstram nitidamente uma predisposição individual/psicológica à intolerância e à impulsividade e que se proliferam gradualmente até os ciclos escolares mais adiantados.

Dentre esses jovens encontram-se também aqueles nos quais a agressividade se estrutura e se apresenta em modalidades comportamentais que têm como base personalidades mais influenciáveis ou possuidoras de poucos recursos socioculturais e/ou familiares para exercerem um autocontrole eficiente nas relações interpessoais. Segundo Goleman (2006), essa mistura de carga explosiva costuma gerar nos "mais fracos" (sensíveis) sérios problemas no plano individual, interferindo de forma drástica nos seus setores vitais. Já os com tendências mais hostis (com ou sem o agravante de uma condição social desfavorável) estão predispostos a um futuro sombrio, perigoso, voltado para um quadro de delinquência juvenil. Nesse momento fica mais evidente a diferenciação entre os jovens que assumirão o papel de agressores e aqueles que serão as vítimas de toda essa violência.

Johnson (2008) considera que comportamentos agressivos do tipo transgressor são frequentes na adolescência, afinal é nesse período da vida que nos lançamos no mundo em busca de nossa identidade. A adolescência pressupõe riscos, aventuras, inquietações, angústias, descobertas, irresponsabilidades pontuais, insensatez, paixões, emoções exacerbadas etc. Na maior parte das vezes, todas essas manifestações não são fruto de patologias de fundo psíquico individual ou sociofamiliar (apesar de a maioria das pessoas acharem o contrário). Elas são, na maioria absoluta dos casos, manifestações exasperadas, ainda que disfuncionais e socialmente inaceitáveis, de jovens se lançando na busca de sua própria identidade. Em última instância, são as formas tortas e ineficazes de demonstrarem

que existem e que valem alguma coisa para seus colegas, amigos, familiares e também para a sociedade.

Nesse contexto de dúvidas, incertezas e agressividade, o grupo vem a ser o lugar privilegiado do reconhecimento individual e, por isso, objeto afetivo de enorme relevância. É no grupo que o sentimento de vínculo do adolescente encontra canal para se expressar na forma de linguagem verbal, física e comportamental. Por essa razão, o adolescente costuma revidar de modo quase passional qualquer análise crítica que envolva sua "turma".

Goleman (2006) assegura que, na maior parte das vezes, a agressividade entre os adolescentes restringe-se a situações transitórias. Apenas uma minoria com menos repertório educativo-cultural ou com uma predisposição psíquica de fundo poderá iniciar um processo de identificação negativa que levará a uma realidade mais arriscada e perigosa. Realidade essa desprovida de todos os limites pessoais e sociais, onde imperam o desrespeito, a irresponsabilidade e a violência.

Observa-se diariamente a multiplicação e o aumento da intensidade dos comportamentos agressivos e transgressores na população infanto-juvenil. A instituição educacional se vê obrigadas a lidar com fenômenos como o bullying, que, embora sempre tenha existido nas escolas de todo o mundo, hoje ganha dimensões muito mais graves. O fenômeno expõe não somente a intolerância às diferenças, como também dissemina os mais diversos preconceitos e a covardia nas relações interpessoais dentro e fora dos muros escolares.

CAPÍTULO III- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EM ESTUDO

Esse capítulo faz uma análise da escola em estudo, apresentando suas principais características, estrutura física, número de alunos e professores bem como outras informações relacionadas. Em seguida apresenta-se os resultados da coleta de dados relativo as entrevistas realizadas com seis professores com dez questões abertas e a coordenadora da escola com oito questões abertas.

3.1 Situação socioeconômica e educacional da comunidade

De acordo com as informações obtidas com a coordenação da escola pesquisada, a população atendida nessa unidade escolar é heterogênea, em sua maioria caracterizada por estudantes do sexo feminino a faixa etária de 49,4% está entre 11 a 14 anos, destes 14% faz algum tipo de tratamento psicológico possuindo em sua maioria uma renda econômica baixa. Alguns também têm origem em famílias desestruturadas e iniciam sua vida sexual na maioria das vezes muito cedo. Em relação as agressões alguns sofrem isso na própria família e vêm para a Escola com hábitos inadequados e muito agressivos, em muitos casos a convivência familiar é conflituosa. Mais de 50% dos estudantes moram com os pais com quatro pessoas sob o mesmo teto. Sendo a escolaridade dos pais predominante é do nível de Ensino Fundamental incompleto. Dos pais que estudaram observa-se que mais de 60% deles incentivam os filhos em relação a educação, porém somente a metade dos pais apresentam uma participação efetiva na vida escolar.

3.2 Histórico da escola

A Unidade Escolar foi construída em 1970 e começou a funcionar em 1971 com a denominação de Centro Educacional; permanecendo com este nome até 28 de janeiro de 1976. Em 29 de janeiro de 1976 ficou integrada ao Centro Educacional de Paranaíba. Em 03 de dezembro de 1991 foi incluído no nome da Escola o termo Pré- Escolar; passando a mesma a denominar se Escola Estadual de Pré-Escolar e 1º Grau “ Gustavo Rodrigues da Silva”, com sede no município de Paranaíba, foi transferida para a rede Municipal de Ensino, passando a denominar-se dessa forma, a partir de 24 de abril de 1997 Escola Municipal de Pré- Escolar

Gustavo Rodrigues da Silva. Em 2000 a Escola voltou para a Rede Estadual com a denominação Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva.

3.3 Discussão e análise de dados

3.3.1 Discussão

As dinâmicas no ambiente escolar são produtoras de diversas espécies de relações, ao mesmo tempo em que reproduzem e ressignificam interações que acontecem para além dos limites do colégio. Nesse âmbito está situada a enorme diversidade de relações que se dão neste espaço, dos mais variados tipos, que se entrelaçam na conformação do ambiente escolar. Fazem parte desde relações de solidariedade e amizade até relações conflituosas; quando não bem trabalhadas podem se transformar em situações de violência.

Abramovay (2010) explica que o conflito é parte constituinte das relações sociais, sendo forma legítima de associação de indivíduos. Quando bem administrado, o conflito é produtor de inteligibilidade e significado, sendo bastante profícuo inclusive na construção de boa convivência escolar (GOLEMAN, 2006). Assim, conflitos entre alunos, ou entre alunos e professores, podem ser bastante positivos na resolução de questões de ordem prática ou estrutural, desde que mediados pela escuta, respeito mútuo e diálogo.

Muitas vezes, porém, o conflito se instaura e acaba por ocasionar ocorrências graves de desrespeito e violência. Por vezes, a violência se dá pelo não reconhecimento, no outro, de indivíduo capaz de estabelecer diálogo. Outras vezes, a violência aparece para os atores como a única forma de resolver situações. Em outras ocasiões ainda o não reconhecimento das instâncias superiores (sejam elas as equipes de direção, a justiça, a polícia ou quaisquer outras) como capazes de resolver e mediar situações de conflito provoca o recurso à violência. Os alunos aparecem como atores envolvidos na maioria das situações de violência que acontecem no ambiente escolar, seja como vítimas, algozes ou espectadores.

Ao mesmo tempo em que a escola é palco de violências exteriores a ela é também produtora de violências, decorrentes das dinâmicas estabelecidas no ambiente escolar. É neste sentido que considero a problemática da violência como algo que não poderá ser entendido como um facto exterior à escola. Isto é, ela deve ser algo que a escola terá que problematizar para se interpelar, interpelando o mundo (ZAGURY, 2008, p.61).

Ao analisar as causas da violência que ocorre na escola, algumas interpretações devem ser evitadas. Há dois tipos de interpretação que são profundamente: a escola é apresentada como vítima da violência exterior ou as abordagens individualizantes (ABRAMOWAY, 2002).

A primeira diz respeito à relação entre os problemas da escola e a pobreza e violência das comunidades a sua volta ou à relação entre os alunos e grupos organizados do crime que atuam nas dependências da escola. Através dessa leitura, os principais problemas da escola não seriam produzidos em seu interior, mas seriam trazidos do ambiente externo e, portanto, estariam fora do controle dos representantes da instituição. No entanto, Abramoway (2002) cita um estudo feito na França que derruba esse mito, apontando que escolas situadas em áreas com forte presença de criminalidade, ao adotarem boas políticas internas, foram eficientes em preservar a comunidade escolar. Essa responsabilização do outro, no caso o ambiente externo, pelos problemas da escola é conveniente à instituição, já que oculta o seu lugar na produção dessa violência. A escola pode sofrer influência do ambiente externo, porém vários autores preferem não isolar um único fator como o responsável pelos problemas que atingem a escola, mas identificar as condições que favorecem o surgimento e o desenvolvimento da violência, através de uma abordagem transdisciplinar, envolvendo várias áreas do conhecimento (Abramoway, 2002).

Abordagens individualizantes também são comumente rejeitadas por serem consideradas muito simplistas e não darem a devida importância ao papel das próprias escolas, mais precisamente das relações estabelecidas entre seus atores, na origem de comportamentos violentos. Por outro lado, apesar da necessidade de as escolas assumirem sua responsabilidade, os autores ressaltam também que a escola não pode ser considerada a única responsável pela violência que a envolve.

De acordo com Ruotti (2006) o grande problema está em concentrar o foco de análise no indivíduo e não na violência inerente às instituições escolares que, enquanto ambientes estruturados pelos adultos, acabam, por vezes, incluindo alguns jovens e excluindo outros. Nesse sentido, a autora defende uma interpretação mais ampla da violência que ocorre nas escolas, pois acredita que a ameaça está contida nas instituições, mesmo quando não há violência explícita, o que incluiria deixar de pensar o fenômeno em termos de punição e de pesquisar fatores puramente biológicos para dar maior atenção aos fatores sociais.

As práticas escolares construídas em escolas inglesas e francesas foram o enfoque do trabalho desenvolvido por Blaya (2003). Para a pesquisadora, a questão central do problema é o ambiente criado pelos protagonistas e, por esse motivo, não se trata de um fenômeno que atinge apenas escolas situadas em áreas menos favorecidas. Há lugares onde existem boas

relações entre a comunidade escolar - comunidade, pais, alunos, professores e funcionários - e onde essas relações foram deterioradas. A autora fez um estudo comparativo entre escolas inglesas e francesas, no qual entrevistou mais de cinco mil estudantes e educadores. Os resultados mostraram que as escolas que apresentam menor número de casos de agressões e onde a probabilidade de ocorrerem eventos violentos menor, são aquelas onde o papel dos professores não fica limitado apenas à docência, mas incluem atividades extras com os alunos e onde existe ainda a promoção da união do corpo docente e bons contatos entre escola e comunidade. Através de sua pesquisa descobriu ainda que os mesmos alunos que são protagonistas de atos violentos sentem-se agredidos quando não são escutados ou quando não há um interesse efetivo dos professores pelos alunos.

A agressão física é encarada como violência à medida que a força é usada para intimidar, diminuir e machucar o outro. Para Abramovay (2010) a violência existe quando a força ou o poder de um é imposto ao outro o maltratando física e/ou psicologicamente. A agressão física parece ser parte integrante da realidade da escola, como demonstra o relato dos professores, que afirmam já haver presenciado cenas de agressão física na escola.

3.3.2 Análise de dados

A escola é palco de enorme e variada gama de relações sociais que se estabelecem e desenvolvem entre pessoas de diferentes idades, classes sociais e personalidades. As percepções acerca da escola e do ambiente escolar já foram detalhadamente analisadas no capítulo 1, assim como o papel da escola e da família no comportamento dos alunos, no capítulo 2. Este tópico, no entanto, demonstra e compreende como os conflitos, patentes das relações sociais, desembocam por vezes em situações de violência envolvendo alunos, professores, membros da direção e os demais atores envolvidos no ambiente da Escola Estadual Gustavo Rodrigues da Silva.

A entrevista sobre violência foi feita com seis professores do sexto ano. Destes com maiores números de registros no livro de ocorrência, sendo cinco professores e uma professora. Quanto a formação dos professores, a sua maioria tem formação em áreas diversas; das humanas às exatas, o que também os habilitam a lidar com crianças e jovens, pela formação recebida. Quando questionado se possuem pós-graduação, três professores respondem que sim, um diz que está concluindo e dois professores entrevistados dizem que não possuem pós-graduação em seu currículo. Tendo ainda entrevistado uma coordenadora

pedagógica com área de formação em Pedagogia e Letras com Pós Graduação em Educação, atuando a dezenove anos no magistério.

Ao serem questionados quanto à definição de violência escolar, nota-se que os professores consideram violência todo ato agressivo que vai contra a integridade do aluno ou do professor ou de qualquer outra pessoa que esta envolvida naquele ambiente da escola, alguns professores consideram a agressão psicológica pior do que a física porque ela é algo que é mais velado que acontece diariamente no cotidiano e passa, o Bullying, também foi citado como violência escolar.

O professor é o responsável pela disciplina da sala de aula, ele muitas vezes não está preparado para lidar com atos violentos. Para Ruotti (2006) a violência está de tal modo arraigada em cada um dos passos e gestos do ser humano, o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces.

Quanto aos fatores que contribui para a violência escolar, os professores compartilham da mesma opinião, destacando a estrutura familiar e a desestruturação da família sendo os principais fatores. O professor F menciona um ponto importante, pois destaca, que a violência não deve ser confundida com indisciplina do aluno, uma vez que segundo ele, a indisciplina é tratada com recurso pedagógico, já a violência escolar deve ser tratada como caso de policia.

Quando questionado ao tipo de violência escolar presenciada pelos professores, as respostas foram variadas. O prof. F aponta a violência psicológica, os prof. A e B e C destacam a agressão verbal, o prof. D, destaca a coação como fator predominante, o prof E menciona a agressões físicas.

Quanto ao impacto da violência na escola e sala de aula, os prof. A, B e F, consideram totalmente prejudicial, uma vez que o rendimento desta sala é prejudicado afetando a aprendizagem.

No que diz respeito aos procedimentos adotados na resolução da violência escolar, os resultados obtidos são advertência e suspensão, palestras sobre o tema, reunião com os pais e alunos. Neste sentido observamos em geral, que há uma falta de domínio teórico dos professores desta sala em lidar com situações de violência, pois recorrem na maioria das vezes a advertências transferindo o problema para ao invés de solucionar educar, conscientizar orientar quanto ao certo e o errado. Machado (2010, p.34) salienta que:

[...] o diálogo faz parte das impressões relativas á prevenção e ao combate ao fenômeno da violência demonstrando uma evolução positiva. Porém, ainda há um viés punitivo nas perspectivas de tratamento, o que está em desacordo com uma política de orientação formativa, de consciência dos

direitos e dos deveres e o exercício pleno da cidadania, participando das decisões coletivas da escola.

Mediante as respostas dos professores observamos a necessidade de estudos e do aprofundamento teórico que lidam com esses fenômenos, pois estes facilitarão a clareza e a percepção e assim, tomar a decisão mais acertada para a resolução desses conflitos e com isso desenvolver a promoção do diálogo como um dos meios de mediação de conflitos.

Questionados quanto ao que fazem para evitar a violência, as respostas são variadas, o prof. F alega não tomar nenhuma atitude, enquanto os prof. A e D intervêm, conscientizando os alunos. Observando as respostas dos professores nota-se que eles não trabalham em sala a questão da violência de maneira preventiva, às ações destacadas são feitas sempre depois que da violência ocorrida.

Quanto à relação das práticas institucionais e da violência, nota-se o que dizem os professores:

Elas estão defasadas, ela não faz com que diminua a violência em si porque usa se um modelo muito arcaico, a escola se vê a mercê do delinquente (Prof. F).

Através das práticas institucionais procuram a minimização o impacto da violência na escola, portanto ela não consegue atingir todos porque a um grande número na sociedade contemporânea de violência dura esses alunos estão vivenciando muito a violência dura e o reflexo disso é a incivilidade é a violência simbólica é a micro violência dentro das escolas (Prof. A)

As praticas da instituição não lidam com essa realidade, não há uma fonte uma adequação das praticas escolares, uma vez que a escola não conhece a realidade em que vivem os alunos (Prof. B).

A maneira de como a instituição escolar esta organizada e a maneira de como ela esta articulada entre os seus profissionais acaba gerando algum tipo de violência é isso afeta diretamente a questão do rendimento desse aluno o próprio rendimento do professo (Prof. D). A instituição hoje não é geradora de muitos conflitos, ele destaca que a escola não presencia atos de violência, alega que se ocorrer alguma violência, a escola estará resolvendo, acionando a policia, os pais (Prof. E).

Os dados levantados servem como instrumento fundamental para a elaboração de um amplo projeto de Convivência Escolar, que visa tornar a escola capaz de prevenir a violência a partir do diálogo e da boa convivência, percebendo que a violência é um fenômeno construído socialmente, e, portanto, passível de ser evitado.

Ao ser questionado quanto o papel do professor diante da violência, as repostas foram parecidas. Eles acreditam que o papel do professor é de intermediador, pois ele é responsável pelo processo ensino aprendizagem então cabe a ele fazer as intervenções de orientação as intervenções de estímulos a prosseguir no mundo acadêmico então vejo que o professor também esta a mercê da violência. O professor tem que conscientizar o aluno a respeito do futuro, preparando-o para o mercado de trabalho.

Quanto ao papel do professor diante da violência, Silva (2008, p. 12) salienta que:

A formação dos educadores para atuarem no sentido de identificar sinais como mudanças de comportamento dos alunos, encaminhar para atendimento especializado e prevenir casos de violência física e/ou psicológica, abandono ou negligência, abuso e exploração sexual comercial, bem como a exploração do trabalho infantil é fundamental para que a escola possa assegurar a aquisição dos conteúdos escolares para todos.

Em outras palavras, é responsabilidade da escola trabalhar no processo ensino-aprendizagem garantindo aos alunos a aquisição dos saberes historicamente construído, mas isto não a autoriza a "fechar os olhos" para as condições de vida dos seus educandos. A formação dos professores para que eles se sensibilizem e compreendam a temática e o real prejuízo das violências sofridas pelas crianças e adolescentes para o seu desenvolvimento em todos os níveis (cognitivo, afetivo, social...) é que irá capacitá-los para cumprir verdadeiramente o seu papel de professores.

Questionados sobre como a escola trabalha a questão da violência, as respostas foram diversas, para alguns a escola é omissa, enquanto outros afirmam que a escola busca conscientizar através de palestras através de debates, através de filmes, os professores C, A, e tem a mesma opinião, destacando a participação do psicólogo nesta questão, enquanto o prof. D, acredita que, algumas situações de violência não são de responsabilidade da própria instituição, está por sua vez não tem profissionais capacitados para lidar com a violência.

De acordo com Silva (2008) uma escola que protege é aquela que cumpre o dever de comunicar e preservar a dignidade humana, por meio de uma ação efetiva.

Para uma reflexão sobre o papel da escola na prevenção e no enfrentamento à violência, cito Silva (2008, p. 123):

Escolas podem desempenhar um papel importante na educação dos pais, servindo como centro de prestação de serviços para a família. Além disso, elas devem ser, naturalmente, as instituições de defesa dos direitos da criança na comunidade, através do engajamento em programas de defesa dos direitos da criança e de atividades de educação popular que enfatizem esses direitos. Poderiam ainda contribuir para reduzir a influência do contexto cultural, servindo como modelo de disciplina não violenta.

Perceber-se como um equipamento social importante no seio da comunidade e como um fator de prevenção da violência e da exclusão a partir da reflexão e problematização conceitual sobre essas questões essencial para a escola constituir-se como instrumento de promoção dos direitos fundamentais da criança e do (a) adolescente.

Por fim quando questionado ao papel da família diante da violência, observa as respostas obtidas:

Na maioria dos casos a família gera violência, o aluno traz para a escola tudo aquilo que eles vivenciam dentro da própria casa. A família não tem estrutura, o que não ajudam o aluno na questão da violência (PROF. B, C e F).

A família tem um papel extremamente importante uma vez que cabe a ela a responsabilidade de educação entretanto cabe a nós professores o papel de transmissão do conhecimento de forma a possibilitar no aluno o desenvolvimento do conhecimento (PROF. A).

O papel da família é fundamental na formação do aluno, muitas vezes o aluno trás para sala de aula o reflexo do que vivencia em suas casas (PROF. D)

Existe dois tipo de família, uma sem estrutura, que gera um futuro aluno violento e existe a família estruturada, que ajuda e conscientiza o aluno na questão da violência, elas são reflexos para os filhos (PROF. E).

Se a família modifica-se, o que não significa ser bom ou ruim, cabe discutir, no entanto, as diversas manifestações de violência daí oriundas e que atingirão, em primeiro lugar crianças e adolescentes. Segundo Silva (2008) a violência doméstica relaciona-se a violência estrutural (entre diferentes classes sociais), mas é um tipo de violência que permeia todas as classes sociais.

Quando perguntados sobre os locais em que acontece a maior parte das ações violentas no ambiente escolar as respostas dos professores foram variadas, pátio e corredor, quadras de esporte, salas de aula, corredores da escola.

Nesse quadro, é de se notar o elevado nível de resposta a quase todas as alternativas, todos lugares listados reportam ocorrência de algum de violência. Isso aponta para a presença distribuída da violência em todos os ambientes da escola, o que não é novidade: sabe-se que a violência depende muito mais das relações estabelecidas e dos atores nelas envolvidos.

Esse quadro de percepções sobre violência na escola, que aponta para uma distribuição das ações violentas por todo o ambiente escolar corrobora para a conformação de um clima escolar eivado de medo, o que vem ao encontro do que se convencionou chamar de "cultura do medo", vigente em várias esferas da sociedade brasileira atual.

Quanto à entrevista com a coordenadora as perguntas foram praticamente as mesmas, entretanto observa-se a preocupação da coordenadora com relação a pesquisa realizada, pois como professora no exercício da docência apresenta ter mais de dezoito anos. O que possibilita tomar decisões e atitudes frente a um problema de indisciplina e violência na escola. Como coordenadora pedagógica possui pouco mais de um ano de experiência, pois se readaptou no ano de 2013 tomando posse no cargo de coordenadora pedagógica.

Quando questionada sobre a definição da violência escolar, a coordenadora considera natural, a resposta da coordenadora foi muito vaga, não definindo o que ela entende como violência escolar. Não houve relato de violência dura, micro violências, a incivildades e violência simbólica foram às únicas apontadas. Quanto ao impacto da violência na escola, a coordenadora atribui a questões de conflitos familiares.

Nesta entrevista nota-se que ainda há um grande despreparo por parte da pedagoga, a escola não tem normas de convivência punitivas, tudo é resolvido no diálogo, quanto aos procedimentos adotados, novamente observa-se que o diálogo é a alternativa mais utilizada, em casos mais graves os pais são convocados, a última opção seria acionar o conselho tutelar.

Esse quadro de percepções sobre violência na escola, que aponta para uma distribuição das ações violentas por todo o ambiente escolar corrobora para a conformação de um clima escolar eivado de medo, o que vem ao encontro do que se convencionou chamar de "cultura do medo", vigente em várias esferas da sociedade brasileira atual.

Quanto as respostas obtidas pelas professoras e coordenadora, observa-se que elas não diferem muito, ambas mostram-se despreparadas para lidar com a questão da violência, o medo é por parte das entrevistadas é um fator dominante, tanto a pedagoga quanto as professoras não tem uma postura para lidar com a violência, o diálogo é o método mais apontado por ambas.

A escola talvez seja uma das maiores responsáveis pelo alto índice de notificação de negligência; resta saber se os profissionais da educação têm conseguido discernir entre prática abusiva, ignorância ou miséria, e o que a instituição escolar tem feito quanto a isso.

Conhecer as situações de violência contra crianças e adolescentes e reconhecer essas situações na sua realidade é um desafio de toda e qualquer escola preocupada com aquilo que o ser humano deve enfrentar em seu cotidiano. A escola constitui-se em espaço socializador e promotor do desenvolvimento da criança por excelência, e pode ser mantenedora ou transformadora dos valores sociais vigentes, e, portanto, reprodutora das práticas de violência ou elemento aglutinador de resistência ao padrão social e interpessoal que gera a violência estrutural e a violência doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do panorama de violência destacados neste estudo, chega-se a conclusão, que a escola adquiriu outras responsabilidades, além de oferecer os conteúdos educacionais tradicionais. Por passar muito tempo nas escolas, as crianças aprendem a se relacionar umas com as outras, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e segurança. Esse papel tem ainda maior peso quando não há, na comunidade, uma rede de serviços de proteção social que dê um atendimento suplementar a essas crianças e jovens, naqueles intervalos entre o término do período escolar e a volta de seus pais para casa. Nesses contextos a escola pode ser (e com frequência é) o único local onde crianças e jovens têm um contato estruturado com adultos outros que a família. Apesar desse papel extremamente importante, tanto no presente quanto na definição da vida futura dos alunos, é paradoxal que a violência na escola receba dois tipos de abordagem: ou é tratada como caso de polícia ou ignorada/ subestimada.

O bom desempenho escolar são fatores de proteção contra o risco de se envolverem em problemas. Esse potencial da escola de proteger, combinado com o fato de reunir crianças e jovens por várias horas do dia, explica por que tantos programas de prevenção de violência e de vitimização de jovens e crianças são aplicados em escolas durante o período escolar regular ou após o mesmo.

O problema da violência na escola, mencionados neste estudo, é uma questão bastante complexa, o que implica a adoção de diferentes estratégias de ação, voltadas para a realidade de cada escola a partir de um diagnóstico local preciso.

Na pesquisa realizada nesta escola, não houve ocorrência sobre casos de crimes, isso mostra que, ao contrário do que alguns pensam, o número desses eventos é bastante pequeno quando se considera o tamanho da população escolar. Ou seja, o número de jovens que cometem delitos criminais dentro da escola é pequeno e, em virtude disso, constantemente são feitas ressalvas em relação à preocupação excessiva com a violência nas escolas. O destaque dado pela imprensa aos poucos casos graves que ocorrem acaba criando uma sensação de insegurança generalizada e de perigo constante nas escolas que, por sua vez, justifica a aplicação de medidas punitivas cada vez mais rigorosas. Ao mesmo tempo, a constante preocupação com esses crimes, como dito anteriormente, de frequência bastante baixa, acaba desviando a atenção de toda a comunidade escolar dos casos mais sutis, esses sim, mais constantes e prejudiciais ao cotidiano da escola.

É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo, o comprometimento familiar.

Mesmo com essa diversidade apresentada, a escola dedica-se a um ensino compromissado, respeitando o quadro social e afetivo de cada indivíduo. Uma considerável parcela dos jovens ainda não ingressou no mercado de trabalho, sendo sustentados por seus responsáveis.

Na análise das entrevistas ficou constatado que, segundo os professores, há mais violência fora da escola, no trajeto da casa para escola, no portão do que dentro dela. Apesar disso, essa violência vivida e testemunhada acaba exercendo influência sobre o desempenho escolar desses alunos assim como interferindo nas relações entre as pessoas, alunos, professores, gerando violência dentro das escolas. A violência é ampliada pela falta de recursos materiais e humanos das escolas e por sua deterioração física. A contenção da violência exige intervenções que para serem bem-sucedidas têm que envolver a participação das famílias em situação de risco, das entidades da comunidade e das escolas.

A escola é parte do problema e parte da solução. Tem-se aqui um círculo vicioso perverso: as violências doméstica e do meio ambiente aumentam a probabilidade de fracasso escolar e de delinquência, a delinquência aumenta a violência na escola e as chances de fracasso escolar e ambas reduzem o vínculo entre os jovens e a escola.

A percepção dos professores da violência na escola não condiz com a teoria esplanada neste estudo, os autores evidenciam que a violência é um fator que abrange a família, sua condição social e econômica, afetam muito o comportamento do aluno, ele leva para a escola muitas vezes o que vivencia no seu dia-a-dia. Os professores em contra partida não estão preparados para lidar com questões tão adversas, uma vez que eles não recebem apoio da coordenação pedagógica, porque esta despreparada para enfrentar a violência, o medo predomina entre eles. A escola não tem somente a responsabilidade de formar cidadão, ela precisa garantir a segurança dos alunos e professores, ela adquiriu outras responsabilidades, além de oferecer os conteúdos educacionais tradicionais. Por passar muito tempo nas escolas, as crianças aprendem e se relacionam umas com as outras, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e segurança. Esse papel tem ainda maior peso quando não há, na comunidade, uma rede de serviços de proteção social que dê um atendimento suplementar a essas crianças e jovens, naqueles intervalos entre o término do período escolar e a volta de seus pais para casa. Nesses contextos a escola pode ser (e com frequência é) o único local onde crianças e jovens têm um contato estruturado com adultos outros que a família. Apesar desse papel extremamente importante, tanto no presente quanto na definição da vida futura dos alunos, é paradoxal que a

violência na escola receba dois tipos de abordagem: ou é tratada como caso de polícia ou ignorada/subestimada. O bom desempenho escolar são fatores de proteção contra o risco de se envolverem em problemas. Esse potencial da escola de proteger, combinado com o fato de reunir crianças e jovens por várias horas do dia, explica por que tantos programas de prevenção de violência e de vitimização de jovens e crianças são aplicados em escolas durante o período escolar regular ou após o mesmo. O problema da violência na escola pesquisada é uma questão bastante complexa, o que implica a adoção de diferentes estratégias de ação, voltadas para a realidade da escola a partir de um diagnóstico local preciso, para tanto é necessário qualificar os docentes e coordenação pedagógica, pois o que a pesquisa apresenta, é que eles estão despreparados, ou não receberam formação para lidar com a violência no meio escolar.

O pensamento no início deste trabalho refere-se ao professor que jamais tem que sentir satisfeito, o professor tem que sentir uma insatisfação do lado positivo de querer sempre estar inovando, aperfeiçoando e não ficar num estágio de conforto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABER J.L., et al. Developmental trajectories toward violence in middle childhood: course, demographic differences, and response to school-based intervention. *Dev Psychol*, 39(2), 2003. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ABRAMOVAY, M. SILVA, L. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

_____. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do distrito federal – SEEDF, 2010.

_____. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Banco Mundial, UNAIDS, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. & ESTEVES, L. (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, SECAD, UNESCO, 2009.

BARKER, R. E WRIGHT, H. F. Midwest and its children. New York: harper & Row, 1955. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artimed, 2006.

BLAYA, C. A paz está na mão da escola. Nova Escola. São Paulo, n.º 165, set, 2003. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. Niterói: Impetus, 2009.

CARA, D. & GAUTO, M. Juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. & ESTEVES, L. (Orgs.) **Juventude: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, SEDAD, UNESCO, 2007.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Ano 4, n. 8, 2002. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do distrito federal – SEEDF, 2010.

CHESNAIS, J. A violência no Brasil: Causas e recomendações políticas para a sua prevenção. In: Ciência e Saúde Coletiva. Vol. 4, n. 1, 1999. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do distrito federal – SEEDF, 2010.

CORSI, J. & PWRYRÚ, G. Violências sociais: Um estudo sobre violências. Buenos Aires: Ariel, 2003. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília:

rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do distrito federal – SEEDF, 2010.

DAMÁSIO, António. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBARBIEUX, E. A violência na escola francesa; 30 anos de construção social do objeto (1967-1977). *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 27, n.º 1, jan/jun, 2001. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DORVIL, H. & CHESNAIS, J. Histoire de la violence en occident de 1800 à nos jours. Paris, Éditions Robert Laffont, Collection Les hommes et l'histoire, 1988. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2.ed. rev. e ampl. Campinas: Versus Editora, 2005.

FLANNERY, Daniel. School violence, New York, n.º 109, dez, 1997. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GOTTMAN, John. **Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HAUCK, Paul. **Como Lidar com Pessoas que te Deixam Louco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, Steven. **De Cabeça Aberta: conhecendo o cérebro para entender a personalidade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MACHADO, L. Z. Matar e morrer no feminino e no masculino. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 1998. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do distrito Federal – SEEDF, 2010.

MINAYO, M. C. S. Et al. Fala Galera: Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

MUCCHIELLI, L. *Violences et insécurité et réalités dans débat français*. La Découverte, Paris, 2002. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

ODÁLIA N. **O que é violência.**São Paulo: ed. Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, R. razão e afetividade: o pensamento de Lucien Levy-Bruhl. Campinas: Unicamp, 2002. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas.** 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

PACHECO, J. O. Problema do desemprego, da desigualdade e da violência na contemporaneidade. Revista Ser Social, n.º 19. Universidade de Brasília, 2006. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas.** 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

PINKER, Steven. **Tabula Rasa:** a navegação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

POCHAMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. São paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas.** 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

REIS, I. Entre a Universalidade e a Particularidade: Desafios para a consolidação do direito à saúde de transexuais. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Brasília: departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2008a. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas.** 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

RUOTTI, Caren. **Violência na escola:** Um guia para pais e professores. São paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SANTOS, J. V.T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 27, n. 1, jan/junh, 2001. In: RUOTTI, Caren. **Violência na escola:** Um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** Mentres perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes e Manias:** entendendo melhor o mundo das pessoas sistemáticas, obsessivas e compulsivas. São Paulo: Gente, 2004.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. **Por uma escola que protege:** a educação e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes. Curitiba: Cátedra UNESCO de Cultura e Paz UFPR, 2008.

SPOSITO, M. Um breve balanço sobre violência escolar no Brasil. In: **Educação e Pesquisa.** Vol. 27, n.º1. São paulo, 2001.

TABACHI, Dalva. **Mãe, me Ensina a Conversar:** vencendo o autismo com amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

WAISELFISZ, J. Mapa da violência 2006: Os jovens do Brasil. Brasília: Organização dos estados Ibero-Americanos para a educação, Ciência e a Cultura – OEI, 2006. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

_____. Mapa das desigualdades no Brasil. Brasília: RITLA, MEC, 2014. In: ABRAMOVAY, M. **Violência e convivência nas escolas**. 2. ed. Brasília: rede de informação tecnológica LTINO-Americana – RITLA, Secretaria de estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem Conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

APENDICE 1-Questionário aplicado aos professores do 6º ano da escola

Questão – 1 Como você define violência escolar?

Questão 2 - Na sua percepção quais os fatores que contribui para a violência escolar?

Questão – 3 No referido sexto ano, qual o tipo de violência escolar que você já presenciou?

Questão – 4 Como analisa o impacto da violência na sua escola e sala de aula?

Questão 5 - Quais são os procedimentos adotados na resolução da violência escolar?

Questão – 6 O que você faria para evitar a violência no momento?

Questão -7 Qual a relação entre as práticas institucionais e a violência?

Questão - 8 Qual o papel do professor diante da violência?

Questão – 9 Como a escola trabalha a questão da violência?

Questão – 10 Qual o papel da família diante da violência?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

APENDICE 2-Questionário aplicado ao coordenador do 6º ano da escola

Questão 1- Como você define violência escolar?

Questão 2- Na sua percepção quais os fatores que contribui para a violência escolar?

Questão 3- Você tem conhecimento do que seja os conceitos de “violência dura, micro violências ou incivilidades e violência simbólica”? Se sim quais os tipos que mais presenciou na escola e no 6º ano?

Questão 4- Como analisa o impacto da violência na escola?

Questão 5- Quais são os procedimentos adotados na resolução da violência escolar?

Questão 6- Como foram elaboradas as normas de convivência e ou regras da escola?

Questão 7- Que procedimentos são adotados com o aluno que foi encaminhado para a coordenação pedagógica ou a direção?

Questão 8- Como a escola trabalha a questão da violência?